

Gravação: tdm39_Escalonando seu Currículo

Duração do Áudio: [01:21:31.05]

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Narrador
Orador B	Reinecken
Orador C	Ana Flavia Garcia
Orador D	Josuel Junior
Orador E	Bilheteria

Orador A: Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador B: Olá, gurizada. Sejam todo bem vindos ao Trabalho de Mesa. Este é o programa número 39, eu sou Reinecken, e voltamos, estamos de volta. Estamos aqui tentando retomar esse projeto que deu essa pausa, essas férias merecidas. E como a gente vai começar de novo, na verdade, temos que reconquistar o público. E para conquistar o público a gente precisa mostrar. Quem nós somos e porque nós somos e quanto nós somos e para isso a gente tentou fazer o programa de hoje, esse escalonamento do seu portfólio, do seu currículo e só dava para fazer isso com o nosso elenco mais preparado para o profissionalismo e por isso, nós escalamos eles e estamos aqui, maravilhosamente com a senhorita Ana Flavia Garcia.

Orador C: Olá, ouvintes da nossa podosfera. Que alegria, nós aqui de novo, mais um ano. Estaremos aqui firmes e fortes, ainda a tempo de desejar um feliz ano novo, a mudança é toda nossa. Bora, Brasil.

Orador B: E também, senhoras e senhores, ele que é o cara que mais faz coisas nessa vida. Então, eu quero que ele me fale como que ele faz tanta coisa, se isso tudo está no currículo dele, se ele botou no Linked-In dele, se tem um portfólio online que a gente possa ver. Senhor Josuel Junior.

Orador D: O programa de hoje para mim é, basicamente, bem difícil porque primeiro eu nunca tinha ouvido essa palavra escalonamento. Eu achei essa palavra bem difícil, poderia ser assim uma escala de seu trabalho. Mas, essa palavra para mim me lembra mais um instrumento musical do que [escalonamento] mas vamos que vamos. Estamos aí. Um prazer estar com vocês.

Orador B: Pois é, Gurizada. O negócio é esse, a gente veio pensando, quando o episódio último terminou, depois a gente teve também a leitura da “Máquina que Matava Fascistas” que foi um episódio especial de fim de ano. Mas, a gente veio pensando quais seriam as próximas metas para este ano e uma coisa que gente precisa atingir e para isso vai o apelo a vocês ouvintes que estão aí, é que a gente precisa aumentar a quantidade de pessoas que nos consomem. Nós precisamos aumentar o nosso engajamento, nós precisamos aumentar esse processo porque dá um trabalho desgraçado, o Henrique fica madrugadas fazendo, o Bruno fica aí ralando a cara nesse monitor, eu também fico aqui ralando a cara, todos os nossos participantes também ficam ralando a bunda e a cara para que este projeto funcione. A gente precisa fazer ele ficar grandote, fazer ele ficar do tamanho que ele merece. Se bem do tamanho que ele merece melhor não porque se não vai ser muito gigante. É melhor só metade do tamanho que ele merece.

Orador C: Esse ano teremos surpresas para esse público chegar, chegando. Eu já estou animadíssima com as surpresas que virão por aí. Gente. Vocês não tem ideia.

Orador B: E aí a gente pensou?! cara, vai rolar umas coisas feras. Vamos tentar fazer esse projeto especificamente até o final do ano, e a gente está com uma proposta de mais achego. Pode-se falar assim? Existe esse termo, mais achegado, mais próximo, mais colado, com o podcast dos Dragões de Garagem, a gente vai entrar num processo coletivo, junto, real e aí mais tarde a gente vai explicar isso para vocês. Pode garantir que vai rolar muita coisa interessante, assim como a Ana Flavia comentou. Vai rolar umas paradas muitos diferentes. Diferentões dos últimos anos que estão aí no ar. Nós estamos na quinta temporada. Começamos a quinta temporada, oficialmente, hoje, agora, nesse episódio. E aí claro, para começar, a gente tinha que conversar sobre Como e Por que a gente merece ou não merece estar aqui? Será que a gente merece? Eu não sei às vezes fico pensando que talvez não mereça.

Orador C: É muito delicado essa coisa do merece, só me vem aquele Meme que tem a Barbie, uma Barbie estragada, desesperada, que faz alusão aquela fala eu ganhei o emprego do meu pai mas tudo que eu conquistei foi porque eu mereci. Bem histérica, bem sem noção. E fala

sobre isso de merecer, eu lembro da cara da Barbie assim. Bem surtadona falando sobre merecimento. É muito delicado esse lugar entre merecer e reconhecer.

Orador B: Exato.

Orador C: Ser reconhecido... aff... que valha.

Orador B: O mérito é uma parada bizarra. O mérito é uma parada bizarra. Mas, enfim, antes da gente entrar nessa terapia que provavelmente vai ser o programa de hoje.

Orador D: Vai ser. Tenho certeza disso.

Orador C: Vai ser. A gente já está fritando desde ontem.

Orador B: É melhor a gente ouvir o recadinho da bilheteria que eu acho que agora eu não sei se vai ter porque é o primeiro programa. Talvez não tenha mas, a gente tem algumas mensagens, alguns e-mails do ano passado que não foram lidas. Aí vai depender da produção se eles querem ou não colocar. Vai depender do pessoal da bilheteria lá, equipe de 443 pessoas e se eles decidirem que entra ou não. Então é isso, vamos para bilheteria.

Orador E: O Trabalho de Mesa tem o orgulho de ser apoiado pelo podcast Dragões de Garagem. Acessando Dragões de Garagem.com você encontrará textos, vídeos e discussões sobre as áreas científicas e as Cientirinhas, linhas uma co criação dos Dragões de Garagem com o cartunista Marco Melin, além dos podcasts da Casa. Acesse Dragões de Garagem ponto com e conheça esse maravilhoso portal de divulgação científica. O Trabalho de Mesa também conta com o apoio do Portal Refil, um site de entretenimento com notícias, blogs, podcasts e muita informação para você que se interessa pela cultura pop. Portal Refil.com.br e confira o canal de vídeos Refil TV no youtube, com reviews de filmes, cabines, comentários e discussões sobre cinema e séries. Refil TV no youtube. Quer entrar em contato com o TDM? Bilheteria@trabalhodemesa.com. Anúncios, serviços, comentários, críticas e sugestões de temas, entre em contato e não se esqueça de nossas redes sociais. @trabalhodemesa no instagram e no facebook. E se você quiser conhecer um pouco dos bastidores de uns dos únicos podcasts sobre teatro na internet, confira nossos vídeos, nosso blogs e as temporadas anteriores no youtube. O Trabalho de mesa é uma criação da E.T.C.A. - Equipe Teatral Confins-Artísticos.

Orador B: Eu não sei se vocês já tiveram essa relação de ter que escrever sobre vocês mesmos, chegar um momento de você parar: OK, agora eu preciso dizer quais são as minhas habilidades e quais são as minhas competências. Como que a gente diz o que que a gente é capaz ou não de fazer? O quanto a gente tem que mentir no currículo, essa é a verdade, essa é a pergunta que norteia esse episódio de hoje. Como que a gente mente, que a gente é bom naquilo que a gente é quase bom, que a gente é maravilhoso naquilo que a gente só é bom e que a gente é o melhor naquilo que a gente é muito bom. Como que a gente escalona isso?

Orador D: Que complexo.

Orador C: Muito complexo.

Orador B: E também tem uma coisa, é claro. Tem gente que tem essa cara de pau e mente mesmo no currículo, cara. Pega o currículo e coloca assim, sei lá, coisas que você nunca fez, coisas que você nunca estudou e o cara bota vai que... sei lá, quem vai conferir?

Orador D: Nossa gente, hoje, eu tiro espetáculos que eu não gostei do currículo porque eu acho que eles não merecem ficar e figurar entre os massas, sabe? Assim, tive treta com o elenco, tive treta com o diretor. Tanto que eu tenho no meu site lá “espetáculos”, o que tem em “demais obras” não são cativos, sobrou a foto.

Orador C: Isso vira até um adjetivo.

Orador D: É, alguém que agora já até trabalhou com o Josuel e vai olhar no site lá e não tiver aparecendo o seu nome, não tiver o seu espetáculo, você já sacou...

Orador C: Você figura nos demais obras. Você é um colega demais obras. Aquele ali? Aquele ali é um colega demais obras. Demais obras.

Orador D: É o grande elenco.

Orador C: É o grande elenco.

Orador B: Levantando sobre esse processo de elaborar currículo, quando eu vim para cá, começar a estudar, eu tive que fazer isso. Eu tive que dizer: olha eu faço isso, eu já fiz esse processo, eu tenho essa habilidade e tenho essa competência. Enfim, eu não sei exatamente como se põe, *skill* aqui é tudo que você sabe fazer. Quando você está falando de um processo artístico, mesmo no sentido teatral ou cinema, mas assim ator e atriz, principalmente, aqui é muito comum você ter esse momento com espaço no currículo para você colocar os skills. E o skill ele está além da sua habilidade de formação ou sua habilitação na formação ou a sua habilitação profissional ou que você já trabalhou. Então você vai ter três lugares prioritariamente. Você vai colocar o que você estudou, até aonde você estudou e você vai colocar também até aonde você trabalhou, o que que você já fez de trabalho e depois você vai botar um espaço só para skill. Tipo, o que é que você sabe fazer, amigo? O que que você faz? As vezes você tem que realmente colocar a quantidade de habilidade que você tem, cada uma, nesses skill e vale tudo, cara. Assim para ator, por exemplo, se você souber andar a cavalo, se você souber dirigir moto, se você souber imitar sotaque irlandês, se você souber, sei lá, costurar, se você sabe fazer crochê, se você sabe fazer esgrima, se você luta...

Orador D: É rola mesmo.

Orador B: Isso entra porque isso efetivamente melhora o seu trabalho como ator. Principalmente, pro cinema porque você vai ter um currículo e a pessoa vai procurar: ah, eu tenho esse cara, eu vou contratar esse ator e ele já sabe andar a cavalo. Então, o personagem dele de fato, sei lá, é uma polícia montada, o filme todo é vinculado a cavalo. Eu vou chamar um ator que já saiba andar a cavalo. Sem eu ter que pegar e ensinar e tal. Então, é um lance de skill assim, habilidades que te possibilitam melhorar a sua carteira.

Orador D: E agências fazem muito isso. Agências de seleção de elenco colocam mesmo uma

listinha para que você possa preencher essas habilidades. Não é a toa que se você conhece... existem listas que se você conhece alguém anão, tem lá. Você conhece alguém que seja anão? Porque também é uma coisa que, nós artistas, talvez nem pensamos. E que eles, claro, são mais utilizados, o trabalho desses profissionais anões são utilizados mais em programas de televisão ou em programas de comédias, infelizmente, então se você conhece uma pessoa que seja anã tem também a pergunta. E eu coloquei num desses que eu danço lambada. Sei lá, gente. Vai que tem um trabalho que precise dançar lambada? Tô lá.

Orador C: Maravilhoso o skill dele.

Orador B: E realmente é uma habilidade dançar lambada, coisa que eu não colocaria no meu. Porque eu não sei. Ha muito tempo atrás, eu fiz o curso de palhaço com o Chacovachi. Mais uma vez sendo citado nesse podcast. Ele vai ser o patrono do Trabalho de mesa, está sempre sendo citado! A gente tinha uma semana, isso foi lá na Argentina, a gente tinha uma semana de aula, no primeiro dia de aula a gente teve que dizer as habilidades que você faz. Mas, você já tinha que chegar e falar o que você faz de melhor? Qual é a sua habilidade mais fantástica que ninguém faz? Esse era a meta. Tipo você vai falar uma coisa agora, aqui, uma coisa que você faz que é incrível e que ninguém consegue fazer? Só você consegue fazer; E aí tipo já era muito difícil você chegar naquele lugar mas tudo bem, você tinha uma semana para elaborar esse negócio, no final você tinha que apresentar um resultado com essa habilidade. A parte difícil mesmo foi dizer na frente das pessoas, sei lá, tinham quantas, 100 e tantos alunos que era uma oficina gigante dessas e você tinha que chegar lá e falar. Tipo eu sei... ah tinha um cara que fazia uma coisa, que eu lembro, que era bem escatológica. Sabe aqueles balões de criança, aqueles balões de criança que você monta coisas? Ele passava o balão da boca pelo nariz. Tipo, ele enfia pelo nariz e sai na boca ou enfia na boca e sai pelo nariz. Ele faz isso. Eu, caraca, que bizarro. Tinha umas habilidades assim. Ah, tipo eu sei assoviar para dentro e para fora. Tinha, ah eu dobro o dedo de uma maneira bem diferente. Um monte de habilidade idiota e habilidade bizarra que eu não consegui entender como habilidade. Para mim parece freak show, circo daqueles do anos 1900? Eu fiquei, caraca que bizarro, só que no final, os espetáculos que as pessoas apresentaram, o trabalho que as pessoas apresentaram tem pessoas que estão até hoje, isso já faz, sei lá, quasenove anos, e tem pessoas que estão até hoje com espetáculos rodando o mundo com essas habilidades inseridas dentro do espetáculo porque na real, na real, é muito mais sobre o que a gente vai conseguir fazer com o que a gente descobre que sabe fazer. A gente está pensando em fazer uma sequência de episódios, que de fato, vão conversar sobre capacitação porque também é um pouco o foco desse nosso projeto desse ano. É fazer uma capacitação e tentar conversar com os ouvintes, para os ouvintes também procurarem capacitações, procurarem se especializar em novas coisas e tentar se achar. Porque tem ouvintes que moram em algum lugar do país, sei lá, no Brasil e que sei lá é muito bom ator mas está procurando, ele está querendo formar um grupo sabe? E são pessoas que não são tão boas atrizes, por exemplo, ela não é muito atriz mas ela quer muito trabalhar com o teatro. A gente pode tentar juntar essas pessoas ou fazer essas pessoas se acharem porque cada um tem uma faceta, tem uma habilidade que possa fazer um grupo de teatro, que possa trabalhar na área artística porque ela é bem diversa. Vale um monte de coisas. Então, na verdade, é meio que escalonar todas essas coisas para a gente poder chegar

algum lugar com isso. E aí para começar a dar o exemplo a gente vai falar do nossos. Do nosso escalonamento, do nosso portfólio. É isso gente que a gente vai falar hoje?

Orador D: É isso mesmo. Escalonamento, anotei aqui.

Orador B: Pode falar gente.

Orador D: Escalonamento.

Orador B: De escalar.

Orador D: Em escala.

Orador B: A gente estabeleceu uma regra aqui. A regra é a seguinte a gente vai ter que dividir em três atividades, três habilidades, três competências, sei lá, o termo que você queira usar. Três coisas. Três coisas que você faria e necessariamente seria possível você comercializar isso, viver disso ou colocar dentro de um processo criativo artístico e isso pode ser 100 por cento daquilo que você vai vender como produto artístico ou isso pode ser parte do seu produto artístico ou as vezes pode ser uma coisa essencial para que você crie um produto artístico. Não importa. Mas, o importante mesmo é você conseguir fazer alguma coisa com isso. Não dá para você também achar que tem uma habilidade mas você não sabe fazer nada com ela. Isso não vai te dar, você não vai conseguir fazer nada na verdade, não é uma habilidade, é um entoujo que você carrega e você acha que é uma habilidade.

Orador C: É um carma.

Orador B: A primeira habilidade é aquela que a gente vai chamar de OK que é a nota cinco, seis. É um ok. É aquilo que você sabe fazer mas não é aquilo que exatamente você faz de melhor. Nem é na verdade uma coisa que você faz muito mesmo. É uma coisa que você faz Ok. Quando alguém fala: ah alguém sabe fazer isso? Ah, eu acho que eu sei. Ah eu posso tentar. Não, eu sei fazer. Você sabe fazer é um pouquinho ok, é um pouquinho acima da média mas na verdade está ali bem no mediano. Por isso é nota cinco, seis. Lembra, não é uma coisa ruim, não é uma coisa que você faz mal. É uma coisa que você sabe fazer, tá? Mas, você não vai poder dizer que você é fantástico nisso porque você sabe que você não é fantástico nisso. Isso é ok.

Orador D: Porque você não é o que se oferece primeiro para fazer. Tipo, se alguém pergunta: ah mas tem alguém que possa fazer? Sim, esse eu posso fazer.

Orador B: Numa roda sobra. Tipo gente alguém pode? Alguém pode? Ninguém se habilita. Cara se ninguém mais for fazer, eu faço mas assim já garanto que não vai ser lá essas coisas não. E a segunda categoria é a categoria muito bom. Nota sete, nota oito. Que é aquilo que você faz e que é muito bom. Já é funcional assim no sentido de que muitas pessoas te pedem para fazer isso diretamente porque você é a figura que faz isso muito bem e quando você é muito bom numa coisa, você tem muita demanda também. As pessoas ficam pedindo para você fazer isso. Então, uma forma de você descobrir se você está nessa categoria com aquela habilidade que você quer é porque tem realmente pessoas falando: faz isso para mim? Você

faz muito bem isso. É muito bom. Você já viu pessoas fazendo e você sabe que você faz melhor que essas pessoas e você também já viu que tem pessoas que fazem muito melhor do que você mas, você pode dizer que essa sua categoria ela é muito boa. Essa coisa que você faz é nota sete, nota oito.

Orador C: Vou ter caguetar meu colega. Já peguei Josuel reorganizando esse escalonamento umas 200 vezes. E agora era um flagrante. Enquanto você explicava, durante, para você ver como é que difícil, o bagulho é difícil. Tenso. O cara estava enquanto ouvia sobre a nota sete, oito, muito bom, ele estava lá com a canetinha dele nervosa, reorganizando o seu escalonamento. Então, só para dizer até mesmo nós que estamos aqui supostamente num staff profissional, estamos cagados nesse lugar ainda. Estamos nos entendendo no nosso escalonamento das nossas habilidades, tá?

Orador B: Só resta saber se ele estava passando de nota cinco para nota dez ou se ele estava tirando. A gente quer saber isso.

Orador D: Eu já tirei tanto essas notas aqui que está parecendo até vídeo cacetada.

Orador C: Tem que ver o papel dele. Vocês tinham que ver, gente.

Orador B: E a dificuldade talvez máxima é a última categoria que é a nota excelente, que é o maravilhoso, que é o fantástico.

Orador C: Que é o fucking master.

Orador B: Que é a nota dez. Que é aquilo que você faz que sabe é tipo fodão. Dá até vergonha de você dizer mas talvez você faça melhor do que todo mundo.

Orador C: Topzeira.

Orador B: É aquele que tipo ninguém nunca vai te pedir isso porque vai achar que é caro.

Orador C: Aí é depor contra a probabilidade, você fica bonzão tipo e te pedem. Não querem mais que acabem, que isso, gente.

Orador B: Exato. Não vou pedir isso, porque ali é outro nível.

Orador D: Vai valorizar muito bem o teu produto.

Orador B: É tipo chegar e pedir para o Spielberg dirigir meu filme na escola. Ah eu acho que é demais. Mas é tipo isso. E claro essa categoria ela tem uma característica específica, aliás todas tem isso, mas essa é clara, é que ela é notória. Outras pessoas também sabem disso mas não dá para ser um ego maluco que você acha que é fantástico e ninguém acha. Não, isso aí está errado. É uma parada que todo mundo acha porque todo mundo que convive contigo, já viu você fazendo isso e realmente isso aí o que você faz cara é fora do comum. Tipo é fora do comum. Porque o comum é nota sete, oito ali ou até nota cinco, sei. É o comum. É o muito bom. Mas, isso aí não, isso aí é excelente tipo fantástico.

Orador D: Temos.

Orador C: Temos. O Marcio Libah, assim como o Chacovachi, é um palhaço também muito importante aí na cena, agora ele está até migrando para outros tipos de área, muito interessante o trânsito dele de área e ele fala uma coisa. Na verdade, para ele, o comum é o mediano. Para ele, todo mundo é mediano. Sabe? A gente não frequenta muito o campo do extraordinário, não. A gente é bem mediano de uma maneira geral. E ele fala mediano não no sentido como a gente costuma falar de mediano como uma coisa já meio depreciativa. Você fala que é um lugar mediano. Não. Ele fala mediano como um lugar ok se a gente partir disso, já está bom. Não como isso sendo um limite mas, como sendo um teto, um chão não tão frágil assim, não é tão péssimo assim ser mediano, sabe assim? A abordagem dele é essa. Eu só queria colaborar com isso.

Orador B: Também tem uma coisa tipo a nota máxima. Aquilo que você faz de melhor, a gente sabe e você também sabe que obviamente - ainda bem - vai ter pessoas no mundo que vão ser melhores do que o seu muito melhor.

Orador C: Sem dúvida.

Orador D: Com certeza.

Orador B: Tem sempre alguém que é muito melhor do que você sendo muito melhor. Não tem como você ser o melhor do mundo, embora, você acredite nisso. A gente tem que pensar que você é o melhor do mundo quando você vai vender o seu produto. Você vai vender o seu espetáculo não dá para você escrever no projeto: ah tipo, é bem mais ou menos, na verdade, eu encontrei várias pessoas que fazem bem melhor. Eu na verdade até não quero. Não dá! Na verdade você tem que dizer: cara, vou propor uma parada que é muito fera que ainda não fizeram do jeito que estou querendo fazer, é uma proposta nova, fera. Sem mentir mas também dando aquela lustrada na coisa. Porque assim que você se vende.

Orador D: Sim , sim.

Orador C: Valorizando.

Orador B: E aí isso um pouco no currículo. Exato. Então vamos lá quem vai começar com essa coisa?

Orador C: Ai gente. Eu quero já começar logo. O universo que eu trabalho, das coisas que eu acesso. Eu encontrei umas coisinhas nota cinco, seis assim. Aí eu já queria dizer a coisa, eu já queria dizer até o profissional que eu costumo chamar para sanar essa minha deficiência. Aquela... então, eu trabalho com composição musical, eu componho... já compus várias trilhas mas não é alguma coisa que assine ainda oferecendo esse serviço de trilha, de criação de trilha. Eu já assinei direção musical e tudo, mas, eu não tenho o know how da música, como linguagem, apesar de tê-la no contexto de criadora. Tenho subsídio para trabalhar com isso tendo parceiros, instrumentistas, consigo trabalhar com criação de melodias, com criação de ambiências, com a criação das ideias e não a execução. Mas, então, eu sinto que é uma coisa que eu poderia fazer, que já fiz. Já fiz muitas vezes, inclusive, porque eu acho que surgiu isso sobre escrever e sobre compor para teatro porque eu realmente não queria pagar ECAD, então eu comecei a fazer para me livrar dessas coisas, eu resolvi que eu mesma faria,

eu mesmo escrevo, eu mesma faço a porra toda. Então assim para tirar a burocracia também da vida, eu acho que esse é um lugar que poderia fazer e posso fazer mas, ainda não me considero tipo assim potente suficiente para dizer: caraca, é muito bom. Tenho feito mas sempre preciso de parceiros, então, eu acho que essa é uma coisa nota seis. Uma outra coisinha nota seis, desculpa, gente, eu vou ter que falar mais de uma coisa nota seis. Desculpa aí. Nota cinco, seis.

Orador B: Pode falar.

Orador C: Uma outra coisa que eu acho que faço porque preciso mas eu não faço bem. Eu não sei muito bem apresentar as minhas habilidades de uma maneira configurada como um portfólio, como... sabe a maneira de organizar e apresentar o meu histórico, o meu próprio resumé, o meu currículo, a maneira de eu organizar e apresentar isso eu acho que eu faço o mediano do mediano que é o suficiente para pessoa viver mas não é bom. E para isso, eu conto e convoco a força de próprio Josuel Junior que está aqui presente que é um cara feríssimo nessa parte. Que é um cara que não só faz isso pelo trabalho dele mas, faz isso, presta serviço nisso orientando outros artistas nesse espaço de orientar a organização, a maneira de colocar, organizar prioridades, sabe aquilo que de repente você tem um milhão de coisas mas, como organizar prioridades, como você apresenta essa material de uma maneira que fique atraente e interessante para quem vai ler, já que você está vendendo o seu peixe, você está se vendendo então esse recorte eu acho que é um recorte muito importante. E eu sou realmente, para não dizer ruim, porque a gente não entrou nesse lugar do ruim então vamos ficar na positividade, gente. Para frente, Brasil. E aí essa coisa que você chamou agora. É a última tá gente. É o top três do top três é a louca dos top três. Então a outra coisa é justamente essa parte na questão de elaboração de projetos, nessa parte quando você estava falando aqui sobre a pessoa que domina planilha Excel, eu tenho verdadeiros arroubos de paixão por pessoas que dominam planilha Excel. Eu só falo Word. Gostaria de ser bilíngue e falar Word e Excel mas, sinceramente, eu só falo Word. Trabalho sempre em parceria nas minhas elaborações de projetos e aí vou citar duas parceiras planilheiras cabulosonas que é a Gisele Treci, de São Paulo. De Brasília e de São Paulo faz esse meio de campo produtor Brasília e São Paulo que sempre planilheira cabulosa. E a outra é Mariana Baeta, as caixeiras aqui do DF, também uma fortona também que chega e consegue me ajudar a desenhar essas planilhas e fortalecer essa parte aí de administrativa, de gestão de dinheiro essa coisa toda que é fundamental para nossa existência, para nossa manutenção. Então esses são os meus top três, dos top seis. Aquela que só tem três coisas que ela acha que faz mais ou menos. A autoestima dela é bombando. Bombando Brasil.

Orador B: Maravilhoso. Tipo, eu acho isso foda, fico assim com inveja. Putz, cara, maravilha. Porque eu também sou um pouco caótico nesse sentido mas, aqui com esse trabalho mais de cinema, estudando, trabalhando com pessoas envolvidas de cinema, chamaremos de alto nível, eu não chamaria assim. Mas, cinema com envolvimento de dinheiro muito alto com saída para Hollywood e tal, um nível mais assim direitão, acadêmico e tal. Eu entrei em conflito violento, assim pessoal porque tem muitas pessoas com que eu trabalho hoje e me relaciono hoje profissionalmente que eles tem uma habilidade boa. Só. Sabem elas são ou pelo menos elas se vendem assim. Eu não sei. Mas, ela se vende, ela chega lá e só faz uma

coisa. Ela só sabe fazer aquilo ou ela só faz aquilo e aí as pessoas só chamam ela para fazer aquilo e ela é a única pessoa que chama para fazer aquilo. E é isso. E elas são tão objetivas no que elas fazem que elas estão fazendo sempre, elas estão sempre com dinheiro. E elas estão sempre ganhando e fazendo. É uma coisa a que eu fico assim porra, que merda. E tipo assim, eu até poderia... mas eu tenho tanto outras coisas que eu acabo fazendo um monte de coisa. E aí eu percebi que na verdade, foi um pouco do teatro que me deixou assim meio genérico. Digamos assim. Meio aberto, eu faço três, quatro, cinco coisas ao mesmo tempo e na hora de chegar e falar okay qual é a sua profissão? Aí fica difícil. Eu não consigo falar sobre isso. Minha profissão é muito abrangente, sei lá, eu faço isso, eu posso ser chamado disso, e aí chega uma hora que dependendo do contexto, cara, você não consegue ser contratado, você não consegue levar para frente porque o funil é só para uma lugar. E você não, sabe? Eu fiquei nesse conflito muito forte.

Orador D: Eu imagino que no audiovisual isso seja bem forte porque quando você entra em set, é tão cartesiano cada função dentro do audiovisual que às vezes como ator em audiovisual se eu vejo uma coisa cair no meio do set, eu não sei a quem recorrer, porque tem a pessoa certa que vai olhar aquilo e essa pessoa é bem capacitada para isso. Eu sei que falando assim a grosso modo parece até uma piada mas, não. No audiovisual, realmente é muito cartesiano. O cara do som, tudo. Tudo.

Orador C: É específico, né.

Orador B: Aqui, cara. É aqui é muito mais técnico ainda. Sabe assim aqui é muito assim. Você tem o cara que empurra o dolly e ele na verdade só trabalha com isso porque como o mercado é bem, bem melhor do que... quer dizer, é o segundo ou terceiro melhor mercado do mundo e é o que assiste, dá assistência a Hollywood, por exemplo, então você tem pessoas que vivem empurrando Dolly mesmo. Ele é um assistente de câmera há 50 anos e ele vai morrer como assistente de câmera porque ele não está querendo subir ao cargo de câmera porque não existe uma escala para o assistente de câmera que empurra o Dolly, dizendo que ele é menor que o cara que opera a câmera. Não, eles são iguais, eles ganham, inclusive, muitas vezes, eles ganham a mesma coisa. Só porque a função do cara é aquela mesmo e ele vai fazer aquela função. E ele sabe fazer aquilo. Cara, impressionante assim como isso, também me aliviou um pouco assim de chegar e poder fazer uma coisa só. Porque às vezes a gente fica nessa ânsia de mostrar muito serviço e mostrar... sabe sei fazer isso, sei fazer aquilo e no fim das contas, você acaba e, eu percebi isso, você acaba fazendo mais ou menos um pouco de tudo. O que significa que você faz tudo mais ou menos também. Nossa, você faz tudo bem mais ou menos.

Orador D: Nossa. Caramba. Que onda.

Orador B: Eu fiquei um pouco assim mas, enfim, isso sou eu falando.

Orador D: Sim. Pensando no que seria essa nota cinco, nota seis. Eu fiz um acordo comigo mesmo de não botar numa escala de nota e sim, numa escala de que são habilidades que eu não ofereço de cara porque às vezes eu não estou disposto para fazer. Às vezes, eu não tenho uma disponibilidade de tempo ou até uma disponibilidade de ânimo. Então, eu escolhi dentro

dessa nota cinco, seis duas habilidades e aí eu acho que eu fui bem sincero comigo. Uma é eu escrevo muito bem, eu tenho consciência de que eu escrevo bem só que eu escrevo muito bem com direcionamento. Por exemplo, se você quer que eu ajude a você escrever o teu projeto cultural dentro de algum edital, eu sou super. Mas, essa parte logística da lei do que que precisa, eu preciso de um filtro antes para entender a regra desse jogo e aí eu consigo jogar. Porque eu não posso, por exemplo, falar: ah eu sou um produtor cultural que escreve projeto. Não, eu opto por não escrever mas, se chega para mim uma demanda, eu falo assim: cara explica para mim o que você precisa, ah eu preciso dizer que dentro dessa... há uma brecha dentro dessa lei que se eu colocar assim, assim, eu consigo modificar o objeto da proposta aí eu consigo porque eu dou graças as professoras de português que eu tive no ensino fundamental, no ensino médio, aos professores de literatura querendo ou não a gente tem muito disso. O artista, ele precisou ler Luiz Puntel na quinta série, ele precisou ler a série Vagalumes na quarta série, eu acho que isso ajudou muito a gente ser essa mente criativa e a desenhar projetos. Então, como nota seis, eu coloco eu escrevo muito bem aí eu como artista, eu comecei a perceber que as coisas que eu escrevo elas começaram a gerar alguns pequenos impactos em alguns lugares. Para mim, no começo vem uma sensação de vaidade e depois você vai vendo não, de fato, está gerando uma coisinha legal. Aí eu passei a ser convidado a assinar coluna em diferentes locais, assim, diferentes portais. Tem um portal aqui de Brasília que se chama Aqui Tem Diversão que é uma revista semanal são dez mil exemplares em pdf que eles lançam e dez mil e-mails que eles disparam, então, eu fui convidado só para falar sobre as minhas impressões sobre a produção cultural. No começo dá uma sensação de que, cara tá doido? Como é que... eu só escrevo, transformar isso em algo mais profissional requer ter um texto pronto toda semana, ter um fluxo de criações para colocar, então, é isso se eu for fazer por livre e espontânea vontade, talvez, eu não faça mas se eu tiver uma linha ou uma obrigação ou protocolo a seguir, eu faço bonitinho. Então, eu coloco escrever que serve tanto para as colunas que eu tenho, no Aqui Te Diversão, no Gazeta Brasília ou no meu próprio site no Josuel Junior.com ou para escrever e ajudar os colegas nos projetos culturais deles e é sempre uma via de troca, não é mesmo? Porque se a gente ajuda a escrever, geralmente, a gente também está nesse projeto de uma maneira direta ou indireta. E aí você também vai pegando o know how da coisa, você vai aprendendo um macete, um jeito legal de escrever e de facilitar o trabalho que vai vir caso esse projeto seja provado. E outra coisa que eu coloquei que bateu com uma coincidência que a Ana falou e agradeço muito a citação, obrigado. Eu coloquei assim eu sou bom de organizar pastas. Eu sou bom. Sou bom em organizar pastas, então, eu coloco nessa nota cinco/seis porque ninguém gosta de organizar pasta 24 horas por dia, não é uma coisa que você fala nossa, hoje eu quero organizar pastas. Mas, eu sei... eu tenho consciência de que eu consigo organizar pastas e isso é uma coisa que vem desde a infância, eu colocava minhas fitas cassetes ou em ordem cronológica ou em ordem alfabética porque para mim era sempre muito fácil como os meus brinquedos, com os meus livros porque se eu precisasse deles depois, eu queria saber aonde eles estavam. Talvez, isso tenha me ajudado muito como artista porque eu sempre comecei a elencar mesmo as coisas que eu trabalho. Eu nunca apresentei um currículo até 2017 quando foi me requisitado um currículo mas, ele estava lá prontinho. Porque era só acrescentar os novos trabalhos no ano mais novo que era o ano que eu estava vivendo. Então, eu acho que essa organização me ajuda também nesse esquema de broderagem com alguns colegas de montar portfólio. Alguns

chegam e falam: oh cara, me ajuda a montar um portfolio. Seria errôneo da minha parte montar um portfolio de um dia para o outro porque eu só iria pegar uma coisa que eu acho que entendi e organizar como uma faxineira, diarista de um dia numa casa. Não vai ter um envolvimento. Vai organizar porque tem que organizar, tirar a poeira ali, organizar ali. Mas, esse artista ele precisa ter uma autonomia para daqui um ano ele não me procurar de novo porque daqui para frente ele está lá. Então eu acho que eu coloco essas duas habilidades. Escrever bem e organizar pastas como nota cinco, nota seis porque não são coisas que eu vendo como meu trabalho enquanto artista. Mas, são coisas que quando precisam, eu ate gosto que os amigos saibam que eu posso fazer porque aí a gente troca junto. Eu não vendo porque isso requer tempo, as vezes, eu não tenho. Isso requer uma dedicação porque você não pode ser leviano com a trajetória de trabalho documental do outro, então, é todo um rolê e aí eu acho que dentro dessa perspectiva eu fico bem honesto comigo mesmo. Sabe nota cinco, nota seis nessas duas funções.

Orador B: Então se você precisar é só ir lá na internet e digital [www.Josuel Junior.com](http://www.JosuelJunior.com) que você vai ver tudo organizadinho, pode entrar em contato com ele e pedir para ele ajudar você está lá no final do site tem um lugar para você escrever.

Orador D: Tem. Tem mesmo.

Orador B: Entra lá.

Orador C: A coisa mais adorável é essa criança. Imagina a cesta de brinquedo dessa criança toda catalogada, gente? Os bonequinhos em ordem alfabética.

Orador B: De barbie a Jaspion.

Orador C: Coisa mais linda gente. Coisinha adorável.

Orador B: Eu acho que a minha habilidade musical, ela é okay. Assim eu não sou músico e eu sempre falo isso para todo mundo. Tem muita gente que acha que eu sou músico, com quem eu trabalho, alguém fala: ah a gente chama o músico, fala com o Reinecken que ele é o músico. Não. Eu não sou músico de jeito nenhum. Algumas músicas que vocês escutam no fundo do Trabalho de Mesa, eu que compus, algumas eu que gravei mas eu não me considero músico porque de novo, eu precisei... assim como a Ana Flavia colocou, eu precisei de outras pessoas que me dessem um aporte para isso existir, eu preciso fazer isso com outras pessoas, sabe? Porque eu não dei conta de chegar e fazer isso sozinho. Então, hoje por exemplo, eu tenho usado muito o serviço do Henrique. O Henrique, nosso editor, ele é músico, toca em banda, tem uma banda no Brasil. Não sei se ainda existe a banda. Se você quiser cortar essa parte, tá brigado com a banda, você corta a parte. Mas, ele é músico, é pianista, toca piano, toca guitarra. Ele é guitarrista, na verdade, é excelente. E ele que compôs algumas músicas dos vídeos que eu uso e cara se eu peço para ele, ele vai e faz a música. Se você me pede uma música, nossa, eu não sei se eu chego e faço. Eu sei fazer a música que eu sei fazer, mas, eu não sei fazer a música para alguém. E por esse aspecto que eu não consigo fazer para os outros, é o que me faz ficar meio receoso de dizer que eu sou músico porque o músico chega e faz a música. Tipo, sei lá, o músico compositor, ele vai e compõe e eu não consigo compor

necessariamente. Eu tenho a ideia e aí eu componho só que ela é meio que aleatória, eu não coordeno isso. Rola uma ideia, eu vou e faço essa ideia. As vezes acontece de eu pensar um podcast que eu estou editando e eu fico: olha, agora eu poderia fazer essa melodia, aí eu pego o piano. Eu falo que eu toco piano muito bem mas, as minhas mãos não obedecem. Entende? Tipo, a minha cabeça está tocando mas a minha mão não está executando. E esse é o problema porque as pessoas precisam ver a minha mão tocar. E a minha mão não obedece, ela simplesmente não faz nada. Tipo, eu fico: podia ter essa melodia aqui e essa nota, eu não consigo executar isso. Mas, ao mesmo tempo, eu já trabalhei bastante com áudio, editando áudio, editando banda, gravando banda, fazendo microfonação, sendo holding de banda, afinando instrumento para banda. Eu já trabalhei muito nessas coisas e eu meio que desenvolvi a linguagem musical, mais ou menos, eu sei quais são os acordes, eu sei ler partitura, eu sei o que significa a terça da quinta aumentada, eu sei o que é um acorde de minuto, tipo, eu entendo essas coisas. Tipo, eu não entendo profundamente porque eu não sou músico e não me envolvo nisso profissionalmente como cerne principal, tipo, eu estou sempre sendo o cara que dá o suporte. Tipo assim eu poderia ser contratado para ser o assistente do Lucas Ferrari. Entendeu? A Ana Flavia colocou o Lucas, é um músico, porra, um fantástico músico. Eu conheço ele. Ele é fantástico. Se ele precisasse de alguém para ajudar ele, eu poderia ajudar porque eu tenho habilidade o suficiente para auxiliar um músico.

Orador C: Saquei.

Orador B: Eu não tenho habilidade para ser o músico mas para auxiliar um músico, eu tenho. E muitas vezes, dentro do trabalho teatral ou trabalho artístico, essa minha habilidade mais ou menos já é o suficiente.

Orador C: Sim.

Orador D: Sim.

Orador B: Porque as vezes é só um aporte mesmo que eu preciso.

Orador C: Exato.

Orador B: Então, por isso eu coloco ela como nota cinco, seis.

Orador C: Perfeito.

Orador B: Tipo é okay, quer me chamar, me chama. Só não vão botar no programa músico Reinecken. Vamos botar outra coisa. Porque eu vou ficar meio assim, eu não sou músico, cara porque eu conheço os músicos e eles são o que eu não sou;

Orador D: Eu acho importante demais quando você fala da questão da preocupação que se tem em olhar no livreto se saiu o nome ou não. Pessoas que são auto didatas ou que vão aprendendo sozinhas essas habilidades, elas fazem isso, como Ana Flavia Garcia falou, para economizar a grana que se teria que pagar por esse serviço. Agora, é uma coisa também vox populi, vox deus, se você de repente faz isso há dez anos, você como profissional está se profissionalizando nessa outra área que ou é um hobby ou é uma válvula de escape. Pode ser

que você não ofereça esse serviço para alguém mas, com certeza, pessoas que tem essa coisa do auto didata economizam muito nos seus trabalhos culturais, nos seus trabalhos artísticos.

Orador B: Essa logística do dinheiro, putz, é como a Ana colocou e assim o Josuel agora encerrou maravilhosamente. Exatamente isso, as vezes a logística do dinheiro garante você pegar uma coisa que está mais ou menos e ficar insistindo nisso porque, cara, é o que tem. Você vai fazer o que? Você não tem grana para montar o espetáculo com aqueles três auxiliares que você quer contratar. Você quer fazer o espetáculo ou você tem que fazer. Você vai ficar pagando 500 mil pessoas pra fazer uma coisa que você poderia fazer mais ou menos? Pô, seja inteligente e dá uma forçada na barra do lado e do outro, perde um tempo aí, gasta um tempo mas, usa o recurso que você tem mesmo, de uma forma... de uma habilidade. E é um pouco de inteligência também. Tipo, é mais ou menos isso que você faz, então, faz ele o máximo possível e não coloca ele como cerne do seu espetáculo. Eu não vou fazer um espetáculo musical: Reinecken em o melhor musical. Seria burrice porque né, eu não sei fazer isso, mas eu posso fazer um espetáculo sobre sala de aula e a música de fundo foi eu quem fiz, mas ninguém precisa saber. Tipo, por muito tempo, o Trabalho de Mesa usava músicas só minhas porque a gente tem uma coisa no Trabalho de Mesa sempre de pagar direitos autorais ou pagar músicos para tentar fazer, sabe? Sempre foi essa a ideia de não pegar música da internet, a gente criava as próprias músicas ou então fazia um esquema de parceria, tipo, chama um amigo, olha faz uma música para mim que eu faço um outro serviço para você. O Pitanga sempre foi um que trocou serviço com a gente, tipo, ele dava as músicas e a gente dava espaço para ele gravar no nosso estúdio. Ou vice e versa. Arrumava trabalho pro cara e aí em consequência, ele fazia músicas para gente. A gente sempre trabalhou nesse esquema de músicas autorais só que tem música ou tinha muito amigo que não conseguia entregar o trabalho porque não tinha tempo. Então, eu fazia. Não botava lá no crédito: ah eu fui quem compus a música e tal. O barco tem que andar, o barco tem que andar, o show tem que continuar...

Orador C: Sim.

Orador B: Então, é uma forma de trabalhar com a sua inteligência também. A inteligência gente, pode ser uma habilidade. A inteligência pode ser uma habilidade.

Orador C: Acho bom.

Orador D: Com certeza. Com certeza.

Orador B: Bora pra nota sete, oito.

Orador C: O que que eu escolhi para essa? Entendendo sete, oito como muito bom mas, entendendo também que nesse lugar em que sempre é muito bom mas ainda sempre pode melhorar muito. Ainda tem várias coisas que podem chegar e potencializar esse lugar apesar de já ser um lugar muito bom. Para mim, o meu trabalho muito bom nota sete, oito é o meu trabalho de estar em cena. A minha presença na cena, eu já acho que é muito boa, tenho o reconhecimento desse espaço mas, acho que eu posso me instrumentalizar mais. Eu sou uma pessoa, uma artista que está se descobrindo com motivações diferentes depois de 20 e tantos

anos de carreira. Tenho desejos de encontrar meu corpo de uma maneira diferente, tenho desejos de ter mais conhecimentos sobre dança, sobre outras habilidades que eu não desenvolvi ao longo da minha carreira. Sobre a própria questão de estudar canto. São desejos que eu tenho de construção de habilidades que eu sinto que são potências que ainda vão tornar esse meu trabalho mais poderoso ainda. Então para mim estar em cena como atriz, como palhaça, acho que já tenho um reconhecimento nesse lugar. Não tenho dúvida disso. Absolutamente. Mas, acho que tenho muito, muito, muito ainda a acrescentar, a crescer, tenho vontade de que isso cresça ainda mais. Tenho vontade de cantar num espetáculo, tenho vontade de dançar num espetáculo, então sinto que tem várias coisas que eu preciso me instrumentalizar mais, então, ele está nessa nota sete, oito feliz da vida.

Orador D: Bate um medo na gente. Meu Deus. Bate um medo porque se Ana Flavia Garcia coloca o seu trabalho de atuação dessa maneira. Quem somos nós na balada da vida?

Orador B: Só quero dizer que... exato, eu não vou mais fazer a nota dez, oito. A conexão vai cair bem na hora de gravar.

Orador D: Mas, ao mesmo tempo, eu acho belíssimo esse tipo de auto afirmação, de auto colocação porque quando eu saí do teatro amador para o teatro profissional, isso adolescente, eu já assistia Ana Flavia Garcia nos palcos, sabe? E isso para mim é muito impactante porque você já tem uma visão de adolescente de uma profissional muito bacana. A gente não tinha um vínculo de aproximação. A gente sempre se topa porque em Brasília é inevitável não se topar mas, quando eu vejo uma questão de instrumentalização, Ana Flavia, putz. Caralho, velho. Totalmente instrumentalizada. Claro, que dentro dos parâmetros que você tem hoje em 2019, as querências futuras são outras e que venham novas aventuras, mas se isso enquanto trabalho de ator é uma catalogação, gentil e coerente que você coloca, é também para nós um puta estímulo. Um puta estímulo. Porque é isso. Uma vez, Tony Ramos falou uma coisa bem assim: *se você já conhece o meu trabalho como Tony Ramos não me chame para fazer um laboratório onde eu tenha que ficar imitando um sapo, um bicho no chão, porque você vai me chamar para fazer a sua novela porque você viu a novela anterior e eu não fazia isso. Não quer dizer que eu não queira me aventurar em outras coisas, mas dentro desse formato não vai ser muito diferente do que você vai querer de mim.* Então, também tem essas consciências do ator. Tem um ator que quando a gente fala: nossa, o trabalho do ator é sempre mutável, sim. Tem outros atores, as vezes, você vê e fala: nossa, parece que o cara faz a mesma coisa há muito tempo. Mas, o cara está satisfeito dentro daquela coisa e ele já entendeu aonde ele é bom e ele faz aquilo ser bom e segue 20 anos na temporada de um mesmo espetáculo, é uma querência desse artista também. Assim como é uma querência da Ana essa coisa da mutação, de estar sempre pensando outras linguagens, então, é um desafio. Eu vejo tudo isso, essa fala como, de fato, um desafio.

Orador C: Eu achei muito importante me colocar nesse lugar porque ele é muito verdadeiro, eu não trabalho nessa linhagem de fazer uma falsa modéstia. Não sou reconhecida por isso. Muito pelo contrário, tem gente até que confunde a minha identidade firmeza com empáfia em alguns lugares, não me importa porque eu não sou... eu não trabalho nessa esfera. Mas, por exemplo, ver que, por exemplo, ao longo de solo de palhaço, ver que eu trabalho com um

solo que vem se transformando há quase, sei lá, 20 anos, sei lá, mil anos. Já passou por vários olhares e ver que a última versão dele é a melhor. Isso quer dizer que existe ascensão, que existe descoberta, que é um território a ser ficcionado e você pode mais e sempre pode mais. E a maturidade é um luxo. Me deparar, falar hoje com o meu treinador de educação física e falar com ele: poxa, mas eu me sinto velha e de repente o cara fala... porque eu comecei a entrar numa pilha que se eu não fosse artista, eu seria atleta, consegui entender isso hoje aos 46 é muito incrível porque é uma novidade para mim. Então, eu sei que eu tenho muitas coisas ainda a descobrir com esse corpo, ele vai me permitir ainda muitas coisas novas e quando esse meu treinador, o Rafael, inclusive, maravilhoso, ele fala pra mim: poxa, você já observou qual é a idade média dos Iron Men? Da galera que faz triatlón e tal? É uma faixa etária semelhante a sua 40 e tanto, 50 anos, até 60 anos tem a galera... porque é um pouco sobre isso, é o reunir de uma potência física, se você investe nela, obviamente, E de uma maturidade também. Então, isso somado pode gerar só acréscimo e acréscimo e acréscimo. Então me coloco nesse lugar de poder ter mais acréscimo plena assim. Muito feliz. Sim, sim.

Orador D: Curioso, né... A gente já tem uns três programas pensando que vai para o lado engraçado e a gente se toca muito, se emociona muito no meio do programa.

Orador C: Sim, sim.

Orador D: Isso tem sido bem recorrente, que bom. Trabalho de Mesa ou Torturas da Paixão? Gente, para essa nota sete/oito, eu pensei numa fala que a gente teve, numa reunião de pauta, que é aonde você já sabe que é bom mas que tem pessoas que fazem trabalho melhor que o seu. Então, eu coloquei aqui o meu trabalho de assessor de imprensa na nota sete/oito. E acho importante dar uma explicação: eu não sou jornalista. Eu sou um artista que escreve bem. Para mim, isso sempre foi muito claro. Antes de assessoria de imprensa para produto cultural se tornar algo muito popular em Brasília e muito recorrente e solicitado, requisitados pelos grupos, havia-se outras maneiras de ser notícia. Em Samambaia, que é uma cidade no Distrito Federal, foi gravado um filme há quase 15 anos atrás, se não me engano, que era o Periférico 304, eu era produtor e diretor de elenco. Bem, bem, bem mão na massa. Era uma parada estratosférica. Falar de cinema naquela época numa cidade como Samambaia, era falar de nave espacial na Galáxia, sabe? Eu lembro que a gente era muito petulante mesmo e não sabia como ter notícia e eu comprava os Correios Braziliense e jornais de Brasília, que são jornais impressos mais populares aqui da cidade de segunda a sábado. Não! De segunda a domingo para pegar o e-mail de todos os colunistas, de todos os editores, de todos os redatores, então, a gente ia para lan house, eu escrevia um texto para falar sobre um filme para pedir oportunidade. Os primeiros textos que eram publicados eram sempre assim, de novo: a galera de Samambaia pobre, mas querendo um lugar no cinema, na sétima arte. Isso me incomodou muito, mas era a única maneira de se chegar no Correio Braziliense. Até que uma repórter do Correio Braziliense foi fazer uma matéria de explosão de bojões de gás em Samambaia e não tinha ninguém para ligar. Liguei para mim que era do cinema, em Samambaia, para falar: você não conhece nenhuma vizinha que tenha explodido, estourado o bujão e, por coincidência, eu tinha. A partir daí, o Correio Braziliense passou a me ligar para tudo que era pauta em Samambaia. Muito antes de rede social, muito antes de muita coisa, então, eu comecei a entender que uma rede se formou por acaso. Não existiam só esses dois

jornais, existia um site, um outro, um outro... então, com o passar dos anos por tentativas de erro e acerto e comprando muito...

Orador B: E bujões...

Orador D: E bujões e comprando muito jornal na cidade, eu me tornei um assessor de imprensa de produto cultural.

Orador C: Incrível essa história, gente.

Orador D: E aí eu também fiquei nesse mesmo lugar de nunca vender mas, os amigos sabiam que eu fazia, então, eu ia lá fazia. Mas, hoje eu me vendo mesmo.

Orador B: Mas poxa, você não criou uma produtora chamada bujão de gás?

Orador D: Não.

Orador B: Poxa.

Orador D: O botijão. Mas, aí assim, eu entendi que é bem legal, é um trabalho que me exige muito treinamento, me exige muita perspicácia para entender quando que eu posso entrar num jornal, quando eu posso fazer um release se transformar em notícia e, hoje, eu digo com segurança, cara, pode me contratar, sim, como assessor de imprensa, você vai ter um trabalho muito bom, um trabalho dedicado, você vai ter uma clipagem final muito bacana e eu vou fazer de tudo para que o seu espetáculo, o seu produto cultural ganhe espaço nesse espaço que é nosso, que a gente vai ter, que os artistas de Brasília merecem. Então, é isso, eu digo sem medo pode contratar o meu serviço de assessor de imprensa que sua peça vai ser muito bem vista.

Orador C: E eu assino embaixo porque eu já contratei várias vezes. Eu adoro o trabalho dele inclusive.

Orador B: Meu interesse é que as pessoas consigam pensar nos próprios delas. Então assim, não é só sobre mim mas também é porque, nesse momento, eu tenho que escolher uma coisa minha. Eu fiquei, cara, o que que eu poderia dizer que eu faço, e aí eu fui nesse lugar que muitas pessoas já me falaram e eu preferi confiar mais nas pessoas do que em mim neste momento, para essa abordagem do muito, nota 7/8. E aí, eu confiei. Eu confio nas pessoas nesse momento porque para mim foi difícil pensar. Bom, uma coisa que eu faço muito bem e que eu tenho feito muitas vezes, há muito tempo é editar áudio e vídeo. Tipo assim, eu faço há muito tempo. O Trabalho de Mesa como trabalho de vídeo na internet, eu editava 100 por cento. Só eu editava. Eu gravava, eu filmava, e editava sozinho. Todos os meus trabalhos, todos os meus trabalhos de teatro, ao longo da vida, sempre tem vídeo e sempre fui eu quem filmei e editei. Eu nunca na vida vi alguém editando um vídeo meu. Tipo, eu sempre editei as minhas coisas. E eu comecei a fazer isso relativamente bem, tanto que começaram a pedir para eu fazer para outras pessoas, e eu acabei virando editor profissional. Tipo, hoje eu faço uma faculdade aqui no Canadá sobre esse assunto, sobre edição. Hoje, eu edito filme, diálogos de filmes, especificamente. Eu editei o podcast do Trabalho de Mesa durante toda a

segunda, terceira temporada, eu editei partes da terceira temporada, depois a gente contratou o Miro. Depois, a gente terminou com o Miro e a gente começou agora com o Henrique.

Orador C: Beijo, Miro.

Orador B: Terminou com o Miro fica parecendo que a gente terminou com o Miro. Não, na verdade, o projeto terminou. E a gente contratou o Miro dentro do projeto e o projeto daquele ano terminou. Agora, a gente está com Henrique que está editando para gente.

Orador C: Beijo, Henrique.

Orador B: E eu edito com ele. Partes dos cortes ainda sou eu quem faço. E eu realmente entendo disso. Tipo de verdade, eu sei fazer isso. Não é que eu faço okay. Não. Eu faço isso muito bem. Eu realmente entendo de edição porque, assim, eu escuto edições de podcast e eu consigo entender qual o processo que o cara fez de errado pro áudio não estar bom do jeito que tem que estar.

Orador D: Olha, que massa isso.

Orador B: Sabe? Eu consigo identificar o erro do outro. Aí, eu me dei conta. Caraca, eu sei fazer isso. Talvez seja porque eu estou trabalhando dentro do estúdio e editando áudio e vídeo há muito tempo. Sei lá quantos anos 10, 15 anos. Então, eu realmente desenvolvi essa habilidade. Eu fiz cursos disso, depois que eu me dei conta que isso eu ia fazer profissionalmente. Hoje, eu edito profissionalmente os vídeos dos Dragões de garagem, os vídeos de notícias de ciências que sai toda sexta feira no youtube deles. Eu edito. Eu fiz um quadro dentro do Portal Refil, o Vale a Pena um Complemento, uns sete ou oito, sei lá quantos vídeos foram e eu fiz tudo aquilo sozinho. Editei um vídeo inteiro sozinho. Hoje eu tenho um quadro sobre cinema também no canal do AVZ, tipo a gente está no quarto episódio. Na verdade, online, só tem o primeiro episódio piloto, a gente está tipo esperando montar uma quantidade de vários programas para começar a postar efetivamente todo mês. Esse ano vai entrar bastante que são projetos que eu levei tipo 50, 60 horas para editar e são processos de edição com três, quatro softwares diferentes porque eu edito em três, quatro softwares diferentes, então, tipo, eu realmente sou muito bom nisso, sabe? Eu edito profissionalmente. Você pode me contratar. Aqui, no Canadá, eu trabalho para duas companhias, eu edito para duas companhias. Tipo, eu editei projetos de vídeos corporativos, comercial para minha escola, para divulgar a escola para fora. Eu editei projetos corporativos e comerciais, aquelas coisas de criação de vinheta, aqueles vídeos corporativos genéricos, eu faço isso profissionalmente para escolas de línguas aqui, para um liceu que existe aqui grande. Eu que editei e fiz a coordenação da filmagem da graduação do college aqui no Canadá também, então, tipo, eu realmente faço isso profissionalmente, eu conheço pessoas que são muito melhores do que eu aqui. E eu tento trabalhar com elas justamente porque eu quero me espelhar naquilo que é de melhor. Tipo, eu faço coloração de vídeo, mas eu ainda sinto que a minha coloração de vídeo ainda está okay. Não está muito boa. Mas, o corte e a parte da edição genérica, assim sabe, de trazer de software para o outro, eu realmente entendo disso, sabe? Eu consigo editar em três programas com a mesma velocidade em que eu editava em um só. Isso, eu acho que é um parâmetro que me garante poder dizer que eu sei editar

vídeo. Porque eu, realmente, eu consigo brincar com dois, três softwares e é uma coisa que eu não queria fazer, cara. Olha que engraçado? É uma coisa que não decidi: olha eu quero fazer isso. Não, a vida me levou para esse lugar, eu comecei a ganhar dinheiro fazendo isso, eu preciso pagar as contas e bora lá, é isso que vou fazer.

Orador D: Eu vi que você publica pequenas pílulas desses tutoriais no teu instagram?

Orador B: Tem uma demanda no meu instagram de algumas pessoas que acompanham o canal do AVZ que é um canal técnico de cinema e de áudio visual e tem muitas pessoas que acompanham eles lá, gostam dele, são o público deles. Só que eles entram em contato comigo porque, de alguma forma, eles entenderam que eu sou o cara que está ali para explicar o conceito sobre cinema ou sobre a técnica que o AVZ não vai fazer. Eu acho até que o AVZ está meio que forçando isso: ah, qualquer coisa pergunta para ele. Então, eu tenho recebido algumas pessoas pedindo especificamente: ah, fala sobre como é que faz a coloração no DaVinci ou como é que o DaVinci cria pastas e tal, e aí eu tenho feito algumas coisas assim para testar na verdade.

Orador D: Que maravilha, velho.

Orador B: Mas, é isso. É uma coisa que eu sei que você pode me chamar que eu vou saber fazer, que eu sei até aonde eu faço, eu sei o meu limite, não sou fantástico nisso. Eu acho que o meu muito bom é editar vídeo. E a outra coisa, já que a Ana Flavia trouxe dois, eu também quero trazer dois.

Orador C: Traga. Traga dois. Trague dois.

Orador B: Porque senão fica parecendo que eu sou o técnico. E eu não sou o técnico, vou querer ser o artista.

Orador C: Sim, amigo. Deixa eu te dar um abraço. Vem aqui. Me dá um abraço aqui. Vou te acolher nesse momento.

Orador B: E tem uma coisa que eu acho que eu faço muito bem e que eu realmente gosto muito e essa eu acho que faço melhor ainda do que editar vídeo. Mas, ainda se caracteriza do lugar do muito bom e eu realmente gosto, eu tenho maior tesão em fazer que é atuar sendo dirigido. Tipo, eu sou muito bom ator para ser dirigido, cara. Se você é um bom diretor, você pode me chamar que eu sou um bom ator para ser dirigido, porque eu sei obedecer aos comandos, eu sei entender...

Orador C: Inteligentíssimo nesse lugar. Nossa, Monstro.

Orador B: Gosto, sabe. Tipo, primeiro, eu gosto de ser corrigido. Eu gosto que a pessoa fale: olha a cena não está boa porque você fez isso, isso, tá ruim. Melhora aí. Eu adoro ser apontado no lugar que eu errei. Eu gosto mesmo, tipo, fico excitado. Olha, que massa. Ah, que bom, eu vou fazer melhor. E realmente eu gosto de estar em cena. Tipo, eu realmente gosto. Eu sinto um calor assim para estar em cena, eu acho fera estar em cena. Então, isso transforma, isso facilita o processo de ser dirigido, sabe? E eu tenho bastante prazer em ser

comandado na direção. Se eu confio no diretor ou na diretora, tipo, eu sou cego. Não sou daqueles que fica querendo coisas ou fica gerando demanda para o diretor e atrapalhando, cheio de ego, não. Cara, eu faço o que for preciso porque eu confio. Claro, obviamente, a gente encontra diretores na vida que a gente não confia.

Orador D: E acaba no “demais obras” no meu site.

Orador C: Maravilhoso! Então, bora pra nota dez. Ela é um tópico que vai se multiplicar em algumas habilidades que eu acho que são todas ao mesmo campo. Eu acho que eu sou nota dez em invenção e defender essas ideias. Eu acho que esse é o meu ponto fortíssimo, que nisso, se inclui a minha escrita, a minha defesa dessa escrita, a minha defesa do que eu crio, nas elaborações de projeto, isso envolve o meu trabalho de direção. São os lugares aonde de orientação, são os lugares... aonde para mim é o meu grande espaço. O meu espaço da invenção, do mixar ideias, do defender ideias, do parir coisas, os insights esse é o meu território de maior potência e acho que tenho reconhecimento desse lugar há muitos anos já, eu sou chamada para fazer orientações de trabalho, treinamentos de grupos, direção de espetáculo, escrever espetáculo para pessoas, não só os meus para não pagar ECAD, mas para outras pessoas, agora elas pagam para mim. Acho bom. Acho justo. Então, acho que esse é o meu território nota dez, na questão dos projetos, eu sou uma pessoa que elabora bons projetos. Tenho noção de hibridismo, de linguagem, tenho noção de tornar, tenho noção para quem estou propondo aquilo. Inclusive, é uma pergunta recorrente quando as pessoas me buscam para esse território, para prestar serviço nesse território tanto para direção quanto para pensar, para desenhar projetos a minha pergunta é muito clara: o que você quer fazer primeiramente? A pessoa fala e vai para aquele território bonito da criação e tudo, e aí depois a gente começa afunilar e aí é aonde a gente vai realmente entendendo lugares de potências e desconstrução de paradigmas. Para quem você está fazendo isso? Para quem você quer dizer? Porque durante muito tempo pensar em público alvo, pensar para quem eu faço, parecia só uma mera burocracia de edital. E depois de um tempo, isso se desenhou como uma coisa muito potente. Pensar realmente, realmente, a gente não faz: ah, vamos fazer para todo o público. Não tem negócio de todo o público. Tem públicos e públicos, sabe? Territórios e territórios dentro da produção artística, tendências estéticas que te colocam nesse ou naquele lugar. Existe. A gente vive hoje uma realidade de festivais, por exemplo, que praticamente a gente sabe que tipo de demanda estética esses festivais sustentam, levantam e corroboram. A gente sabe o que significa trabalhar com dinheiro público, justamente a pensar sobre público e você não pode simplesmente recorrer ao dinheiro público sem ter consciência da sua potência de flecha de comunicação, de como definir esse trabalho, de como disseminar esse trabalho. Isso são coisas que precisam estar presentes, desde sempre, se você pretende acessar dinheiro público, obviamente. Então, esse entendimento desses territórios da invenção e da defesa das ideias, esse é o meu lugar nota dez. Pode chamar que é comigo mesmo.

Orador B: Inquestionável. Endossado completamente por todo mundo que já fez, que já participou e já fez alguma coisa com a Ana Flavia. É, tipo, fantástico. Uma coisa que eu acho, que uma habilidade que eu acho incrível na Ana Flavia, como diretora, é real, assim, tipo, a gente estava fazendo um projeto de palhaços no hospital. Ela era o pé no chão mesmo, de vir e falar: okay, mas quem são essas pessoas? Porque, às vezes, a gente tem o grupo, o elenco de

artistas, a gente cria coisa. Só que a coisa não é aplicável, ela é só criada. Ela é sei lá, é uma massa inventiva, legal, mas ela não é pegar e fazer... fazer alguma coisa com isso é impossível. E aí a mão dela, a cabeça dela, na inteligência que a Ana Flavia tem de chegar e arquitetar isso, olhar isso e falar okay. Isso tem esse escopo, a gente puxa isso para cá, puxa para lá e no final você conseguir efetivamente aplicar aquilo 100 por cento na demanda, isso é, putz, é uma coisa foda.

Orador D: É. E eu entendo isso como uma ética no trabalho e uma construção ética porque para além de você ter as responsabilidades com o dinheiro público, que seja, ou com o público que seja, você tem uma responsabilidade, uma criação ética para quem o faz porque você coloca, de fato, cada um no seu quadrado. Isso é genial. Quando fala da questão da organização, quando fala da questão para ver se é viável ou não utilizar tal projeto. Ou como dar margem para essa ideia. Isso é massa para caralho. Então, vamos lá, o que eu sou nota dez depois de inverter tudinho aqui.

Orador C: Maravilhoso isso.

Orador D: Cara, eu sou um cara jovem. Eu tenho 32 anos, trabalho com arte desde os 16, profissionalmente. Com o teatro desde os 16, então, praticamente, metade da minha vida dedicada a esse ofício e eu tenho muito orgulho disso. Eu sempre fui uma criança que gostava muito de televisão, um adolescente que gostava muito de televisão e não pude fazer muitos cursos de televisão, muitas vivências. Fiz até alguns mas, muita coisa foi aprendendo na prática mesmo. E aí com essa minha idade e com o tempo que eu tenho de experiência na perspectiva da minha vida porque é só dela que eu posso falar, eu sou um puta ator de publicidade e de vídeo.

Orador C: É mesmo.

Orador D: Eu fui contabilizar, dia desses, para botar no currículo mesmo. Eu acho que eu já fiz mais de 29 campanhas publicitárias nessa vida. 29 campanhas publicitárias é muita coisa para um ator. Eu acho que é muita coisa para um ator.

Orador C: Sim.

Orador D: Isso de Brasília.

Orador C: Já é naturalmente fora do mitiê. Ferve essa demanda, então, é muito incrível.

Orador D: Exatamente. Então, cara, fiz comercial para vender carro, já fiz comercial todo pintado de prata como se fosse aquelas estátuas humanas para o aniversário de Brasília, já fiz comercial para presidente que já foi deposto. Já fiz muito comercial nessa vida, cara. Desde o varejão até os mais conceituais. Então, cara, eu de fato sou um bom cara no vídeo. Tenho consciência disso. Sabe, assim, para fazer reportagem em vídeo, para apresentar programas em vídeos. Então, são habilidades de quem assistiu muito nessa vida. Eu tenho certeza.

Orador C: Sim.

Orador D: Não se cria melisma e nem marcadores vocais. Eu acho que a gente vai

entendendo uma lógica de um set, então, no set, a minha decodificação é muito clara. Eu entendo muito bem o movimento da câmera, eu sei entender o melhor lado, sabe? Mas, devo tudo isso, àquelas figurações nas novelas em que o povo me barrava, entendeu? Porque aparecia demais, porque não entendia o movimento de câmera. Então, ter passado uma parte da adolescência fazendo figuração em novela ou em programas diversos me fez entender como me comportar como um profissional na frente da câmera. Eu adoro isso e, claro, isso foi dando uma habilidade para decorar o texto muito rápido porque você grava... hoje, você vai gravar o episódio 30B. Amanhã, você vai gravar o número um, aonde você vai ter que se apresentar, semana que vem você já se despede do programa, mas, vai continuar gravando durante mais seis meses. Então, essas habilidades você vai pescando e na hora, juro que meio que a gente dá uma fingidinha, a gente finge costume, como se já soubesse mas também é bom porque é autodefesa. Quando a gente finge costume, num ambiente que a gente não conhece e se dá bem ou recebe um elogio ao final ou não recebe mas o produto está lindo, entregue, você fez muito bem teu trabalho. Então, assim, eu sou um bom ator de publicidade e vídeo, tenho consciência disso.

Orador C: Que coisa linda.

Orador B: E se você, pessoal quiser, está no youtube, tem um monte de programa de gente apresentando coisas de um jeito tão zuado e tão ruim, se você tem dinheiro contrata esse homem que é fantástico, maravilhoso.

Orador C: Impressionante. Isso está de alguma maneira, é tão forte, assim como, enfim, coisas que já não se diferenciam, as digitais profissionais da sua digital individual. O Josuel é um cara que ele tem uma... uma postura, uma maneira que ele comunica, a maneira clara com que ele se coloca, a maneira com que... já é da vida dele, isso se tornou parte da...

Orador B: Tá sempre apresentando o programa.

Orador C: Já se tornou parte da personalidade.

Orador B: Ele está conversando com você, você fica olhando para o lado para ver se tem uma câmera filmando ele.

Orador C: Você assiste ele.

Orador B: Ele está apresentando para você. Exato. Você está assistindo ele.

Orador C: Porque é muito organizada as maneiras dele apresentar as palavras, a presença, a serenidade, a coisa de poder ficar neutro com tranquilidade. Tipo assim, é diferente dessas pessoas mega expressivas. Oi, tudo bem, Brasil? Poxa. Para. Menos. Eu acho que seria péssima em vídeo porque é tanta cara e boca que o povo assusta. Isso no vídeo deve ficar imenso. É o dragão do cerrado. Não fica bom no vídeo, isso daí. Aí vê uma pessoa... aí você vê como isso reverbera nesse corpo, nessa fisicalidade, na presença do Josuel. Muito incrível isso.

Orador B: Ai, ai. Tá todo mundo falando só uma, vou tirar porque tinha pensado duas.

Orador C: Fala duas. Fala duas.

Orador B: Na verdade, eu não consigo escolher exatamente e elas são meio entrelaçadas. Eu ao longo do tempo e talvez tenha sido uma das coisas que eu mais fiz na vida e que eu ganhei dinheiro fazendo, me profissionalizei e que eu fiz uma faculdade inicialmente para isso, que é dar aula. Tipo, eu me enxerguei professor muito cedo, me vi como professor, me chamaram de professor muito cedo. Eu tinha menos de 17 anos quando eu dei a minha primeira aula profissionalmente, recebendo dinheiro para fazer e eu me lembro da sensação que foi quando eu ouvi uma pessoa mais nova que eu falar: professor, o que que é não sei que? Aquilo para mim, foi tipo, caraca, eu sou professor! Porque eu tive muitos professores ao longo da vida que eu fiquei, assim, apaixonado pela forma como os caras e, principalmente, mulheres, eu tive muitas professoras mulheres fantásticas na vida. Tipo, pessoas, mestres mesmo, que me ensinaram e abriram a vida para as coisas. Abriu a minha vida para enxergar as coisas e isso, eu fiquei maravilhado. Então, eu acabei me transformando também nessa figura porque eu respeito muito esse lugar. Assim, eu tenho carinho pelo professor, pela figura dos professores, eu acho que mesmo até os picaretas eu ainda respeito só pelo fato de ser professor. É que nem aquela pessoa idosa que você respeita porque o cara é idoso. Merece respeito. E, às vezes, o idoso, ele é um mau caráter. Pode. Mas fica aquele conflito. Você fica pô, o cara é idoso e mau caráter. Parece que não cabe.

Orador C: Dá vontade de falar: o senhor está velho demais para ser mau caráter. O senhor para com isso. Deixa eu te respeitar. O senhor me deixa eu te respeitar.

Orador B: Tipo isso. E eu tenho esse lance com o professor. Professor para mim é uma entidade que eu fico maravilhado, eu trato muito bem os professores porque eu acho os professores uma profissão, putz, fantástica. Sabe? E eu me transformei num bom professor porque eu acho que respeito muito. E eu digo isso, ser professor de artes, dar aula, na verdade, a minha habilidade nota dez é estar na sala de aula, dando aula. Tipo, na hora de dar a aula. E por que eu identifico isso? Por duas questões. É porque eu consigo adaptar, realmente, o que eu preciso falar com o momento exato que está rolando a hora da aula. Com a caneta que a menina está usando na frente ou com a brincadeira que o aluno fez do lado. Eu consigo arquitetar o que a gente precisa conversar sobre aquele assunto com o que está rolando ali, sabe? E eu sempre trabalho como espetáculo. Tipo, eu sempre impacto. Eu tento impactar o aluno. Eu faço aluno de terceiro ano chorar, se emocionar. A minha aula não é só o conteúdo, pelo contrário, é uma parada emocional. Eu realmente gosto e eu me lembro, porque, tipo, faz dois anos que não dou aula mais porque eu estou aqui e agora eu só estou tendo aula. E até é uma parada que me persegue tanto que, por exemplo, aqui eu sou tutor. Virei tutor dos alunos novos. Então, assim, eu sempre estou nessa posição mesmo que eu não queira, eu sempre estou na posição da aula. Eu fui dar um seminário pro professor numa aula que tinha que dar um seminário, eu fui dar o seminário. E, no semestre seguinte, ele me chamou para ser tutor. No terceiro semestre, eu já estava dando aula para os alunos pela primeira vez aqui no Canadá. Porque é uma parada que vem. Eu simplesmente faço. E a outra questão que eu percebo, porque que eu coloco isso nota dez, porque eu sempre faço. Isso é uma parada que eu recomendo a todo mundo que quer dar aula. Sempre faço isso. Na última aula ou na penúltima aula, você senta com os alunos e eu pego uma cadernetinha e peço

assim para eles falarem o que é que está ruim na aula? O que é que foi péssimo? O que é que foi bom? O que é que eles gostaram? Eu peço para eles um feedback real das coisas que foram boas, das coisas que funcionaram, das coisas que não funcionaram na aula. Sabe? Eles falam: olh, não gosto quando você fala disso, eu gosto quando você fala... aí eu recebo o feedback dos alunos. Eu sempre fiz isso. Se você foi meu aluno e está me ouvindo, você lembra disso. Sempre no momento final que eu pedia o feedback, e eu realmente eu sempre pegava e anotava as coisas que eles não gostavam e eu tentava mudar para o próximo ano, para o próximo dia. Eu realmente pensava porque que não funcionou e eu tentava mudar. E nesse momento, aconteceu mais de uma vez, tipo, várias vezes, eu escutava: você foi o melhor professor que eu já tive. De artes. Gente, claro. Tipo você foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu já escutei isso várias vezes. Sempre quando eu faço essa coisa, alguém fala isso. Uma, duas, três, cinco pessoas dizem. E eu nunca escutei, eu nunca senti que eu era um péssimo professor. Nunca senti. Olha, foi péssimo. Então, por isso, eu entendo é uma nota dez, sabe que eu tenho, tipo? Tipo, dou aula de uma forma boa. Eu gosto, eu faço sem dificuldade. É claro se for dentro do escopo que eu tenho mais habilidade, mais inteligência, mais entendimento conceitual. Eu sou muito intelectual no sentido, eu sou menos prático então, eu não gosto muito da aula prática. Eu gosto muito da aula teórica. Eu gosto muito de ficar na aula teórica. Então, eu me divirto muito dando aula de teatro, de história da arte. Eu me divirto muito. E eu sei que os alunos se divertem porque a gente se diverte junto. Então, eu dou nota dez para isso.

Orador D: Arrasou.

Orador C: Maravilhoso.

Orador D: Essas particularidades na prática, na prática mesmo, na prática da vida, e quando a gente vê um colega admitindo, olhando para si mesmo, e colocando como, de fato, colocando isso como uma marca, colocando isso de fato como identidade, como Ana falou, é uma esperança de saber que a gente não é blefe e que a gente não se boicota.

Orador C: E que a gente está atento aos processos. Sendo franco, se avaliando com franqueza, identificando esses lugares, essas habilidades que a gente faz e o que a gente faz com aquilo que a gente sabe fazer. Acho que essa seria a nossa dica pros ouvintes que estão se organizando ou organizando as suas questões. Eu gostaria de fazer de novo uma menção ao Chacovachi, é uma coisinha sobre currículo também é uma coisa que ouvi eu falar e depois disso nunca mais foi a mesma coisa. Faz bastante tempo isso, talvez uns dez anos. Mas, eu ouvi ele falando, ele comentando numa roda assim: não era nem situação que ele estava em oficina, ele estava comentando quando via releases sobre os artistas, sobre os palhaços, era tudo sobre citar com quem as pessoas estudaram. E aí aquilo foi muito importante, foi um momento que foi uma virada para mim em que eu pude me deparar com o meu release e eu vi que eu já tinha algum lastro para não ter o meu currículo que ser um monte de nome de outras pessoas. Não que você não tenha que reverenciar essas outras pessoas na sua formação. Mas, chega um ponto que você precisa falar sobre você.

Orador B: Sim.

Orador C: É sobre você o release, sabe? Não é sobre todas as pessoas que você... porque isso não garante muita coisa. O fato de você ter estudado com fulano, com beltrano, uma infinidade de nomes. Isso é maravilhoso, que você é uma pessoa perseverante, que está estudando para cacete mas, diz pouco sobre você. Se referendar desse lugar no reconhecimento do outro é muito importante porque isso é realmente muito importante. Mas, não diz da pessoa. Então acho que é muito bonito também o ponto que a gente chega na carreira da gente que a gente pode olhar pro nosso currículo com carinho e agradecer por esses mestres todos, por essa presença, mas que você já tem coisas sobre você para dizer. Sobre o seu trabalho, sobre a sua pesquisa, sobre o seu olhar.

Orador D: Faz de mim estrela que eu já sei brilhar.

Orador C: Isso, salve. É isso, Brasil.

Orador B: Então é isso, gurizada. A nossa ideia com esse episódio é pra vocês, agora nesse momento da vida de vocês, pararem e começarem a elaborar o currículo de vocês, elaborar o portfolio de vocês. Tentando fazer como a gente, tentando escalonar o que é que vocês fazem de okay, o que é que vocês fazem de muito bom, o que é que vocês fazem de excelente. Aquilo que você fala que é nota dez para vocês poderem pensar como que vocês vão vender o seu produto, como você vai se vender, como é que você vende aquilo que é o seu trabalho. E na verdade, acabar descobrindo o que é seu trabalho propriamente. É uma forma. E aí se você conseguir fazer isso, manda o seu currículo para gente dar uma olhada. Manda também uma mensagem no bilheteria@trabalhodemesa.com para gente saber como foi para vocês, se foi difícil, se não foi. Obviamente, aqui na gravação parece que não mas, realmente foi difícil pensar nisso tudo. Porque lá pra frente, mais daqui uns dois, três episódios, não sei. A gente vai fazer o contrário. A gente vai fazer aquilo que a gente faz de péssimo. A gente faz de ruinzinho, aquilo que a gente acha feio que a gente não quer fazer mais.

Orador C: Vala. O nome desse episódio vai ser vala. Você na vala. Como que é você e toda sua vala pessoal? Faz com a gente. Vem contar para gente.

Orador B: A gente vai ter que chamar um psicólogo para acompanhar esse episódio.

Orador C: Por favor, por favor.

Orador B: Para tentar ajudar depois da gravação.

Orador C: Lencinhos, lencinhos. Vai ter muito choro, vai ter muita loucura aqui nesse dia, gente.

Orador B: Exato. Então, manda uma mensagem para gente. Se você não conhece o nosso instagram, vai lá no trabalho de mesa. Se você não conhece o nosso facebook vai lá no trabalho de mesa. Se você quiser entrar em contato com a gente aqui na descrição tem todas as coisas para você clicar no nome da gente que indica os nossos sites. Se você quer saber se está ou não em outras obras do Josuel também está aqui lincado embaixo, você pode clicar.

Orador D: Meu Deus do céu.

Orador B: Se você quiser saber um pouco mais do Trabalho de Mesa, procura a gente nas redes sociais, entre em contato para gente poder saber. Mais alguma coisa, gente? Vocês querem falar, dizer, reclamar, perguntar?

Orador D: Eu estou bem satisfeito, na real, com o programa. Eu vou voltar para casa refletindo um pouquinho de alegria. Olha só, estou bem satisfeito mesmo.

Orador B: Então, é isso gurizada. Muito obrigado a todos que nos acompanharam até esse momento e gostaríamos de pedir encarecidamente que entre em contato. Um beijo e até mais.

Orador C: É, gente, essa situação de estar no lugar de demais obras, né Gustavo. Dói. Dói.

Orador B: Eu vou lá agora porque o Josuel já fez a produção de um espetáculo que eu participei. Eu vou lá agora nesse site para ver...

Orador D: Procura-se está lá. Procura-se está lá. Mas, no Procura-se, eu trabalhei muito pouco para eu assinar como produtor naquele espetáculo porque a produção prática quem fez foi a Geórgia.

Orador C: Está no demais obras é isso que ele está querendo dizer.

Orador D: Não. Depois, você vai falar: nossa, o Josuel se apropriou colocou aqui como produtor geral do Procura-se. Não. Eu sei o tamanho do trabalho que eu tive. Para de ser chato. Não me enlouquece.

Orador C: Posso sentir vibes de Josuel reformulando demais obras deles. Igual ele ficou aqui com a listinha organizando.

Orador D: Para, gente.

Orador A: O Trabalho de mesa é uma criação da E.T.C.A. - Equipe Teatral Confins-Artísticos.

Fim da Transcrição [01:21:31.05]